

CAMINHOGRRAFIA URBANA DO CANAL SÃO GONÇALO: MAPEAMENTO EM VÍDEO COM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO

OTÁVIO GIGANTE VIANA¹; ANDREA PAOLA FONDEVILA SALCEDO²;
EDUARDO ROCHA³

¹Universidade Federal de Pelotas – otaviogv@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – polafonde@live.com.ar

³Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende expor os resultados do experimento de Caminhografia Urbana conduzido na disciplina de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo I: Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade nos semestres de 2023/2 e 2024/1 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Os estudantes organizados em grupos de até 5 (cinco) participantes deveriam caminhar e registrar percursos do tecido urbano de Pelotas à margem do Canal São Gonçalo. Os resultados deste exercício comporiam com outras experiências as análises da pesquisa de mestrado Caminhar à Margem: Registros e diálogos entre a cidade e o canal, que está inserida no projeto de pesquisa Caminhografias urbanas nos confins da América do Sul: criando pistas para políticas públicas com povos e comunidades tradicionais que habitam as margens das cidades de Marabá/BR, Pelotas/BR e Comodoro Rivadavia/AR.

A pesquisa em caminhografia consiste em uma exploração do espaço a partir do próprio corpo, a partir do caminhar através do ambiente construído registrando, jogando e criando com paisagem. Paola JACQUES (2004) aponta para as experiências de diversos nômades e urbanos como questionadores da construção do espaço urbano. A autora identifica na obra destes errantes a possibilidade de se apreender o espaço de outras formas, através de textos, fotografias ou mapas produzidos a partir do ato de caminhar pela cidade, observando criticamente a forma da sua construção e por consequência o urbanismo enquanto prática de intervenção disciplinadora sobre o ambiente urbano (JACQUES, 2004). Tendo o vídeo como forma de registro, a experiência em caminhografia busca mapear os elementos que compõem ambiente construído, registrar a forma do espaço em perspectiva, produzir um recorte da experiência de percorrer o território a pé.

O registro em imagens digitais no reconhecimento do ambiente urbano enfatiza o caminhar como gesto de encontro e distanciamento entre objeto e o observador. ENTLER (2012, p. 142) aborda o caráter impreciso e falível da memória humana, afirmando que buscamos nas formas de representação que nos cercam o preenchimento de lacunas e aponta para o registro fotográfico como produtor de um discurso “poroso, permeável às intenções com as quais é confrontado”. Já DUBOIS (2007), leitor de Walter Benjamin, afirma que a fotografia se destaca entre as artes da imagem por estar ao mesmo tempo o mais perto possível do objeto representado, sendo a impressão luminosa a sua emanção física direta, e mantendo uma distância absoluta do objeto o colocando em um objeto separado, evidenciando o princípio de distância onde Benjamin localiza a noção de aura de uma obra de arte. Este espaço entre observador e objeto se torna definido no ato de “tradução sobre tela” de uma paisagem (CONTE, 2020). A imagem-movimento registrada em vídeo faz tal tradução em blocos de duração do

percurso de caminhada, demonstrando as transformações e deslocamentos na paisagem através do tempo. A imagem-movimento é definida por Gilles DELEUZE (2018), em seus estudos sobre cinema, a partir do plano audiovisual, como a “translação das partes de um conjunto”, ou seja, a modificação do todo que se transforma em sua duração delimitada pelo recorte enquadrado do espaço.

O registro em vídeo em caminhografia produz uma expressão da experiência no espaço ao mesmo tempo que a modifica, libertando a imagem-movimento do espaço físico (ROCHA et al, 2024). Os registros produzidos pelos alunos compõem o acervo de mapeamentos realizados entre o tecido urbano de Pelotas e o Canal São Gonçalo disponível às pesquisas supracitadas. O objetivo deste trabalho é analisar os resultados da experiência realizada com as turmas de graduação e explorar o vídeo como dispositivo de diálogo e apreensão da forma urbana, contribuindo com as discussões acerca do ato de registrar no desenvolvimento metodológico da caminhografia urbana.

2. METODOLOGIA

A caminhografia urbana é prática corpórea, social, ética e estética, uma tática de alteridade através da ação de percorrer o espaço urbano com o corpo à prova e atenção à espreita que se propõe como “pedagogia de articulação das demandas e singularidades que compõem a cidade” (ROCHA; SANTOS, 2023). A pesquisa começa definida pelo locus, pelo recorte espacial explorado. O agenciamento de registros em vídeo propõe uma postura para com os sistemas (de objetos; de ações) que compõem o espaço. Uma atenção, em primeiro lugar, às formas e movimentos que ocupam o campo visual, que preenchem a paisagem do percurso. Virgínia KASTRUP (2019) aponta para uma atenção ao mesmo tempo aberta e concentrada, “flutuante” ou “espalhada e distraída, que vagueia sem ponto de ancoragem fixo” que faz uma varredura do campo até que seja tocada por um encontro que coloque um problema.

O método é apresentado aos estudantes através de um exercício prático através do território de interesse, que se estende da ponte rodoviária que conecta os municípios de Pelotas e Rio-Grande até o Passo dos Negros, assentamento localizado próximo ao deságue do Arroio Pelotas no Canal São Gonçalo. O percurso é dividido em trechos sete a partir dos pontos de referência: o acesso ao canal pela Rua Padre Anchieta; a região denominada Doquinhas; o Porto de Pelotas; o Campus Anglo; a praça Dilceu Almeida/Darci Pinho; o antigo Engenho Pedro Osório; a Cháchara da Brigada. Após uma introdução sobre o desenvolvimento do método os estudantes são orientados a produzir registros em vídeo, realizando enquadramentos e movimentos de câmera variados preferencialmente no formato paisagem, procurando registrar aquilo que lhes desperte o interesse ou chame a atenção na paisagem. Disposto sobre uma imagem de satélite, o percurso a ser caminhado durante a produção desses registros está dividido entre os pontos de referência em 7 (sete) trechos que são sorteados entre os grupos. A partir destes registros cada grupo apresenta uma composição em vídeo e um relato da experiência. Para a realização da atividade são disponibilizadas 6 (seis) horas-aula.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo o exercício realizado por 2 (duas) turmas, resultou em 14 (duas) peças audiovisuais de aproximadamente 3 (três) minutos cada, 2 (duas) para cada trecho

do percurso, além de quase 4 (quatro) horas de vídeos capturando distintos componentes desta paisagem. Estes vídeos podem conter comentários em tempo real dos estudantes agindo no percurso ou interações com narradores outros. Nas imagens é possível identificar os elementos construídos da paisagem, as estruturas e infraestruturas mais associadas ao centro urbano (edifícios em altura, ruas pavimentadas atravessadas por automóveis) assim como as modificações que sofre essa morfologia urbana ao nos aproximarmos da margem de um corpo d'água (Figura 1). De pontes de aço e concreto, passando por residências autoconstruídas, condomínios residenciais e complexos industriais de manejo de cargas ativos, ressignificados ou em situação de abandono. late clubes e palafitas. Observa-se ainda nas alterações realizadas na paisagem entre o primeiro e o segundo conjunto de registros evidências dos esforços emergenciais de contenção da enchente ocorrida em março de 2024.

Nas duas instâncias da experiência o grupo que ficou com o trecho mais distante, entre o Engenho Pedro Osório e a Chácara da Brigada, apresentou dificuldades de deslocamento. O primeiro grupo cumpriu com a demanda de registro do exercício se utilizando de automóvel particular capturando trechos da Estrada do Engenho em um dia chuvoso sobre a estrada de terra molhada e indícios de obras na pista. No segundo semestre o grupo encontrou o obstáculo da duração do deslocamento a pé até os pontos de referência, por não disporem de automóvel particular, e assim foram reorientados a explorar o tecido urbano entre o canal e o centro e localizar infraestrutura de escoamento de águas pluviais.



Figura 1: Colagem de quadros extraídos do acervo do exercício. Fonte: do Autor

As peças editadas foram apresentadas em sala de aula junto com uma discussão da experiência. Um aspecto destacado pelos estudantes foi a percepção dessa variação na infraestrutura urbana. Discutiu-se a sensação do corpo e do reconhecimento do/com o território, sendo muitos dos estudantes já residentes da cidade de Pelotas e alguns recém-chegados. As percepções diversas que corpos

diferentes tem em relação ao espaço e a sensação de segurança. A observação de si no ato de apontar a câmera e registrar um movimento. Foram levantadas questões relativas ao manejo de resíduos e limpeza urbana, observando a presença e o acúmulo de descartes em área público e terrenos em abandono. A presença das demais espécies animais e vegetais que sobrevivem no ambiente urbano e a paisagem característica do bioma Pampa encontrada na aproximação com a água.

4. CONCLUSÕES

A partir desse exercício se pode constatar a potência do registro em vídeo como uma forma de refletir sobre as perspectivas que produzimos sobre paisagem urbana. A linguagem audiovisual expressa movimentos presentes no ambiente construído através de recortes espaço-temporais, blocos de duração. Esses registros curados e compartilhados possibilitam um diálogo sobre o habitar, sobre se perceber no espaço, sobre perceber o espaço sendo construído em tempo real ao nosso entorno.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONTE, Verónica. Colour and art shaping contemporary landscape dimensions. In: **AIC Midterm Meeting Color And Landscape**, Buenos Aires, 2019. Anais eletrônicos. Buenos Aires: Grupo Argentino del Color e International Colour Association, 2020. Acessado em 4 jul. 2023. Online. Disponível em: <https://aic2019color.wordpress.com/proceedings/>
- DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: A imagem-movimento**. Tradução: Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018. 134 p.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 10 ed. Tradução: Mariana Appenzeller. Campinas: Papirus, 2007.
- ENTLER, Ronaldo. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios, In: SEMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**: Breve histórico das errâncias urbanas. Vitruvius, Architextos, ano 05, out. 2004. Acessado em 8 out. 2024. Online. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>
- KASTRUP, Virgínia. **A atenção cartográfica e o gosto por problemas**. Revista Polis e Psique, Porto Alegre, v. 9, 2019. Acessado em 8 out. 2024. Online. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2019000400007&lng=pt&nrm=iso
- ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos. **Como é a caminhografia urbana?** Registrar, jogar e criar na cidade. Vitruvius, Architextos, ano 24, out. 2023. Acessado em 8 out. 2024. Online. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923>
- ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos; DEL FIOLE, Paula Pedreira. **Registrar, jogar e criar**: a caminhografia nos processos de transcrição da cidade. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 11, 2024. Acessado em 8 out. 2024. Online. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/134401/91979>.